

PRIMEIRO ARTIGO (sobre os exercícios corporais)

* Artigo publicado na Revista "Temas sobre Desenvolvimento" - Ano 3, n.17, março/abril 1994, p.13-21, da editora "Memnon Edições Científicas"

REORGANIZAÇÃO NEUROFUNCIONAL (Método Padovan)

"A coisa mais bela que o homem pode experimentar é o misterioso. É esta a emoção fundamental que está na raiz de toda ciência e arte."
EINSTEIN

Vamos falar de coisas muito simples e conhecidas de todos nós. São simples porque pertencem à natureza e nós as conhecemos atavicamente.

Se plantarmos um grão de feijão num ambiente adequado, já sabemos de antemão o que vai ocorrer: ele vai brotar, crescer com suas características próprias, vai dar vagens dentro das quais encontraremos sementes iguais àquela que plantamos. Isto acontece porque cada semente possui um programa genético bem determinado.

Todo ser vivo é assim. Desta forma, já se sabe o que vai ocorrer no seu desenvolvimento. O mesmo se passa, portanto, com o ser humano: nasce um bebê e sabemos que, no futuro, ele deve atingir as características de um ser adulto, homem ou mulher. Tudo isto nos parece tão natural que sequer atentamos para os milagres que se desenrolam à nossa frente, a cada dia! É um botão de flor que desabrocha; um João-de-Barro que constrói sua casa, sem nunca tê-lo aprendido; uma criança ensaiando seus primeiros passos! Em cada ser vivo está sempre ocorrendo alguma mudança.

Também no ser humano estas mudanças acontecem, desde que é gerado até o momento de sua morte. E isto é o que denominamos de *desenvolvimento*. Não importa que este desenvolvimento seja motor, ou de linguagem, ou intelectual, ou mesmo emocional. Tudo é *desenvolvimento*. Mesmo na nossa personalidade ocorrem mudanças, conforme nossas vivências e nossos aprendizados. Não é porque já somos adultos que paramos de nos desenvolver... Sempre estamos nos modificando, queiramos ou não, graças às sábias leis da natureza!

ANDAR - FALAR - PENSAR

Ao estudarmos o desenvolvimento de um ser humano, muitas abordagens podem ser enfocadas. Para Steiner (1981), uma das conexões mais importantes para conhecimento e aplicação na educação - e, por extensão, também num processo terapêutico - é o que se refere às relações entre o ANDAR, o FALAR e o PENSAR. Ele afirma que estas três atividades definem o ser humano como tal: "*o homem é o ser que anda ereto, usa uma linguagem codificada e elabora idéias, isto é, o ser que pensa*". É importante compreender como Steiner (1981) caracteriza cada uma dessas atividades.

ANDAR não é um simples locomover-se. Erguer-se e andar ereto é apenas o traço mais visível de um **processo** muito mais amplo e complexo. É um processo evolutivo que leva a criança de uma posição horizontal à posição vertical. Ela vai ter que vencer a força da gravidade e colocar seu corpo no espaço, com equilíbrio e harmonia, dominando todas as direções espaciais. Até conseguir ficar de pé a criança passa por várias fases: rola, rasteja, engatinha e anda. Isto ocorre, entretanto, no caso de

uma criança que tenha todo o desenvolvimento normal. Ela pode, porém, não cumprir, ou não cumprir integralmente, todas estas fases. E dizemos, então, sabiamente, que ela, por exemplo, "pulou" o engatinhar. E porque dizemos que "pulou" uma fase? Porque, mais uma vez atavicamente, sabemos que é natural e normal que ela engatinhe. Todas estas fases são inerentes à própria natureza humana e são atingidas por impulsos do próprio organismo. Se pertencem ao programa genético humano, naturalmente devem ser importantes dentro do desenvolvimento de uma criança.

FALAR não se restringe apenas à palavra oral, mas abarca qualquer tipo de comunicação. Há vários tipos de linguagem: gesto, mímica, leitura, escrita, matemática, música, código Morse e tantas outras. Segundo Pedro Bloch, nas Ilhas Canárias existe uma comunicação através de assobios. Parece que ainda a usam para a leitura dos Salmos, nas cerimônias religiosas. Assim, as pessoas se comunicam de várias formas, e a primeira comunicação da criança é o próprio corpo. Quando ela estende os braços para ser apanhada no colo, não deixa de ser uma comunicação. Como diz Boadella (1992), "*mesmo o silêncio absoluto nos diz algo da pessoa. É impossível o indivíduo não se comunicar*".

PENSAR não deve ser entendido apenas como a possibilidade de elaborar idéias, mas também como as capacidades de aprender e de se adaptar ao meio em que vive o indivíduo.

Como exemplo, podemos lembrar da história do "menino-lobo" de Aveyron, França. Quando encontrado, na adolescência, tinha um comportamento muito próximo ao dos lobos: andava de quatro; tomava água lambendo, exatamente como fazem os animais; uivava como os lobos (era a sua linguagem). Isto significa que ele aprendeu e se adaptou ao meio ambiente que lhe foi oferecido. Mas, se tomarmos um pequeno animal, como o gato, e o criarmos longe de seus semelhantes, apenas no meio de seres humanos, ao chegar à idade adulta ele vai se comportar exatamente igual a seus irmãos gatos: vai andar de quatro (e não ereto como os homens que o criaram), vai miar (e não falar), vai ter as mesmas reações comportamentais que seus semelhantes, como se sempre tivesse convivido com eles.

E podemos perguntar: porque será que o homem (o menino-lobo) pareceu perder sua identidade, ou sua índole de ser humano (ao andar de quatro, uivar, etc.), e o gato manteve suas características de gato? Exatamente porque o ser humano tem a capacidade de se adaptar e de aprender, características incluídas naquilo que Steiner (1981) denomina de pensar.

Os animais, em geral, são programados para cumprir seu potencial genético, não podendo modificá-lo. Com o homem, porém, é diferente. Ele também possui sua programação genética, mas, para torná-la efetiva, necessita de um meio ambiente adequado. Em o tendo, cumprirá seu processo de desenvolvimento, que é igual para todos (pertence ao programa genético), aprendendo a andar, falar e pensar. Mas, além disso, cada um de nós pode aprimorar capacidades próprias. Uns desenvolvem mais suas capacidades motoras, que estão ligadas ao processo do andar; outros desenvolvem mais a atividade do falar; outros ainda desenvolvem mais sua parte intelectual, o pensar. Tudo isto pode acontecer porque o ser humano tem a capacidade de poder escolher, ele tem um livre arbítrio! É o poder do pensamento... Só o homem tem esta maravilhosa capacidade de pensar, que o distingue dos animais.

CONEXÕES ENTRE ANDAR, FALAR E PENSAR

Existe sempre uma manifestação que caracteriza cada uma destas três atividades.

Dizemos que a criança começa a andar quando ela se ergue e se locomove verticalmente, o que ocorre por volta de 1 ano de idade. Entre um ano e meio e dois anos é que podemos dizer que a criança começa a se comunicar por meio da linguagem oral. E quando podemos dizer que a criança começa a manifestar sua capacidade de pensar, como atividade de elaborar idéias? Para Steiner (1981) isto ocorre por volta de três anos de idade, quando ela começa a dizer "eu" para si mesma.

Estas três atividades se interrelacionam, se interdependem e se desenvolvem paralelamente, embora em cada idade haja a predominância de uma delas, como há também uma seqüência na aquisição e na manifestação da característica mais evidente de cada uma.

Como já dissemos, a criança começa a andar por volta de um ano, a falar por volta de dois anos, e a pensar por volta de três anos. Nesta mesma seqüência, diz Steiner (1981), há uma certa dependência de uma para a outra atividade. Afirma ele: "*por um misterioso PROCESSO do organismo humano, da mesma maneira como aprende a criança a andar, a orientar-se no espaço, a deslocar-se de um lugar a outro, chega o andar a manifestar-se como linguagem. O falar, portanto, é um produto do andar, isto é, é um produto da orientação no espaço*". Continua Steiner (1981): "*é um fato verdadeiro que, quando a criança está começando a falar, o organismo inteiro é ativo. Os movimentos exteriores se transformam nos movimentos internos da linguagem*".

Esta afirmação pode parecer muito estranha, mas também Quirós (1979), um grande foniatra argentino, admite que todo o corpo, todo o S.N.C., toma parte no processo da fala: "*é difícil encontrar uma parte do S.N.C. que possa não ter alguma relação com a comunicação ou com a linguagem. Mesmo a medula espinal, que poderia parecer não ter relações com estas funções essenciais, também traz uma contribuição muito importante, como a de informar o córtex cerebral sobre a existência da postura e dos movimentos das extremidades e de outras partes do corpo, o que permite ao indivíduo dispor de todo o seu corpo em função da correta correspondência de signos e símbolos com seus semelhantes. Reafirmamos, pois, que não há tecido nervoso central que possa chegar a não estar ligado com a linguagem, na ampla acepção deste termo*".

Piaget, assim como Quirós, também se refere à conexão entre estas três atividades referidas por Steiner (1981): "*a inteligência sensório-motora, que antecede a linguagem, prepara, no terreno da ação elementar, aquilo que mais tarde vai se transformar em pensamento refletido*". Afirma ainda Piaget que deve haver uma ponte entre a inteligência sensório-motora e o pensamento refletido. E assim ele se coloca: "*...é a linguagem que se desenvolve numa determinada ordem e só se transforma em pensamento quando este está apto a se deixar transformar*".

E o que isto significa? Que tudo depende de um amadurecimento neurológico para poder manifestar-se. Piaget e Steiner dizem a mesma coisa com palavras um pouco diferentes. Este trata do ANDAR (para Piaget, inteligência sensório-motora), do FALAR (para Piaget, a linguagem), e do PENSAR (para Piaget, o pensamento refletido).

Outros autores tratam do mesmo assunto com designações diferentes, mas que significam a mesma coisa. Vigotskii, Luria e Leontiev (1988) publicaram um livro intitulado *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. Quirós e Schragger (1979) escreveram *Lenguaje, Aprendizaje y Psicomotricidad*.

Todos tratam do mesmo assunto, isto é, das relações entre as três atividades que constituem a própria definição do ser humano: andar, falar e pensar. Não se pode separá-las, da mesma forma que não se pode dividir o homem.

Dessa forma, como o falar se desenvolve a partir do processo do andar, o pensar se desenvolve a partir da evolução da linguagem. Se por um lado a fala é o veículo que expressa o pensamento, por outro lado não se pode pensar sem a linguagem. O falar e o pensar estão tão interrelacionados que mal se pode distinguir o que pertence a um ou a outro, quando se trata de atividades intelectuais.

O médico que estava encarregado de tratar daquele menino-lobo de Aveyron disse ao enfermeiro que o ajudava: *"faça-o falar, pois só assim poderemos saber se ele pode pensar"*. Rozental (1983), ao se referir ao autista, afirma: *"o fracasso da fala entorpece, evidentemente, o desenvolvimento de outras habilidades intelectuais, como o pensamento abstrato, a formação de conceitos ou o pensamento crítico, que dependem do desenvolvimento das habilidades verbais"*.

Analisando todas essas colocações é que ficamos convictos de que não adiantava colocar uma criatura diante de um espelho para ensiná-la a falar ou para corrigir certos desvios de articulação. Ou, ainda, usar os mais variados jogos com figuras cujos nomes são escritos com os mesmos fonemas.

Tomamos conhecimento da conferência de Steiner sobre ANDAR, FALAR e PENSAR pouco tempo antes de haver concluído o Curso de Fonoaudiologia. Terminamos este Curso insatisfeitos, não com a parte teórico-científica (que, aliás, foi muito boa, com professores competentes e com um programa muito bem cuidado), mas com a parte prático-terapêutica. Não queria tratar dos sintomas propriamente ditos, mas sim daquilo que teria causado esses sintomas, ou seja, daquilo que os antecedia.

ORGANIZAÇÃO NEUROLÓGICA

Acreditei no que disse R. Steiner, que o PROCESSO do andar é que levava ao falar. Faltava descobrir qual era esse processo.

Tive, então, a grande sorte de conhecer o trabalho de Temple Fay e seus seguidores, Carl Delacato, Glenn Doman, Raimundo Veras, Edward Le Winn e outros.

O processo natural do conhecimento humano é um contínuo apoiar-se no conhecimento dos que antecederam e preparar caminhos para os que seguirão. E assim caminha toda a humanidade na sua evolução gnóstica. Ao se escrever um trabalho científico, uma tese, até se exige citação bibliográfica. Isto significa na realidade que as novas idéias se apoiaram em conhecimentos anteriores. A ciência é como se fosse uma verdadeira pirâmide, onde cada um coloca seu pé no ombro de outros e deveria se dispor a oferecer também seu próprio ombro para que esta pirâmide possa continuar crescendo. Mas, é muito importante que cada um não se envaideça do pouco que conseguiu contribuir para abrir novos caminhos. E muito menos devemos nos esquecer daqueles que nos ofereceram seus ombros...

Às vezes, quem nos permitiu dar um passo à frente nem sabe que nos serviu de apoio, mesmo porque alguns deles, que nos legaram seus conhecimentos, suas criações, suas indicações, já nem existem mais! Particularmente, queremos aqui render nossa sincera e humilde homenagem a todos os autores citados, e especialmente a Rudolf Steiner e a Temple Fay, cujas filosofias e indicações nos proporcionaram a oportunidade de ajudar a tantas criaturas que nos procuraram para que suas

dificuldades fossem sanadas ou diminuídas.

Temple Fay, um neuro-cirurgião americano, viveu e conviveu com a Segunda Guerra Mundial. Juntamente com seus colaboradores, em especial Doman e Delacato, descrentes dos métodos então vigentes, fizeram estudos e experiências em torno do desenvolvimento do ser humano. Além de suas experiências pessoais, utilizaram o trabalho monumental de Gesell sobre o desenvolvimento de crianças normais.

Não cabe aqui contar toda a história do trabalho de Temple Fay. Vamos apenas citar os conceitos básicos a partir dos quais ele desenvolveu seu método. Sua primeira premissa foi a de que a ontogênese (desenvolvimento de cada indivíduo) recapitula, em certos aspectos, a filogênese (evolução das espécies).

Chamou a este desenvolvimento, que leva a criança de uma posição horizontal até ficar em pé e andar, de Organização Neurológica (que se dá, portanto, através do próprio desenvolvimento ontogenético). Delacato assim a define: "*Organização Neurológica é essa condição fisiologicamente ótima que se completa unicamente no Homem, como resultado de um desenvolvimento neural ontogenético ininterrupto. Esse desenvolvimento recapitula o desenvolvimento neural filogenético; começa por volta do primeiro trimestre de gestação e termina, em indivíduos normais, aproximadamente aos seis anos e meio de idade. Como acontece com todos os mamíferos, no Homem esse desenvolvimento ordenado progride verticalmente através da medula espinal e de todas as outras áreas do S.N.C., até o nível do córtex. O desenvolvimento final peculiar ao Homem realiza-se a nível do córtex e é lateral (da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda)*". Afirma ainda que: "*para ser totalmente humano, o Homem precisa ser capaz de usar linguagem. A linguagem no Homem é o resultado do desenvolvimento filogenético do Sistema Nervoso. A linguagem, no desenvolvimento de um indivíduo, é o resultado do desenvolvimento e da organização do seu Sistema Nervoso*".

Vamos atentar cuidadosamente para esta última afirmação, que resumindo significa: **a linguagem é o resultado da organização neurológica**. E a Organização Neurológica é descrita como o desenvolvimento ontogenético, isto é, as fases pelas quais a criança passa até que se possa colocar numa posição ereta e se locomover, alternando o avanço dos pés, ou seja, **andar**.

Quando percebemos que havíamos encontrado a descrição daquilo que R. Steiner chamou de **processo** do andar, foi como se tivéssemos descoberto o Paraíso Perdido!

REORGANIZAÇÃO NEUROLÓGICA

Temple Fay e companheiros observaram, e isso em vários povos e civilizações do mundo, que crianças normais, não importa em que povo, faziam sempre, em seu desenvolvimento, os mesmos movimentos estereotipados, aos quais chamaram de "padronizações". Observaram também que crianças com lesões cerebrais não conseguiam executar aqueles movimentos.

Pensaram então: "*se fizermos com que o paciente, mesmo passivamente, execute estes movimentos padrões, será que o seu S.N.C. vai "aprender" e assumir depois o seu comando?*". Assim o fizeram e observaram que, realmente, a criança passava a executar aqueles movimentos. Mas, mais do que isso, perceberam também que, algumas vezes, o desenvolvimento prosseguia normal, como se se tivesse tirado um bloqueio que impedia esse desenvolvimento. Após as "padronizações", incluíram também os demais movimentos que são inerentes ao desenvolvimento natural das crianças, tais como

rolar, rastejar, andar de quatro, etc.. Os resultados foram os mesmos.

A esse procedimento chamaram de Reorganização Neurológica (RON), que deve ser compreendida como a *recapitulação do desenvolvimento ontogenético, fase por fase, na mesma seqüência do desenvolvimento normal.*

Ora, para mim, Fonoaudióloga que procurava, como terapia, algo que antecedesse aos sintomas, foi um grande achado.

Lembrando o que Steiner disse, que o **processo** do andar é que leva ao falar (compreenda-se aqui como qualquer tipo de linguagem), convenci-me de que tinha encontrado meu caminho. Comecei a aplicar em algumas crianças, e em outras não. Percebi que nas que recebiam a Reorganização Neurológica as melhoras eram muito mais rápidas e efetivas. Assim, passei a usá-la em todos os casos de fala e linguagem, com resultados bastante positivos. A RON trabalha o corpo, e devemos trabalhá-lo porque ele, por assim dizer, é o precursor da linguagem, da aprendizagem da leitura e da escrita. A linguagem gestual e a mímica vêm muito antes da fala articulada.

É bom esclarecer aqui que a RON não é o único procedimento dentro do nosso processo terapêutico. Ela serve como *base* em todos os casos e, dependendo de cada distúrbio, outros exercícios são feitos, conforme as necessidades específicas.

FUNÇÕES REFLEXO-VEGETATIVAS

Como Fonoaudióloga, entretanto, parecia-me faltar algo para complementar o método idealizado por Temple Fay. Na sua filosofia, afirmava ele que se uma criança não conseguisse fazer uma atividade, por exemplo, engatinhar, não se deveria treinar o engatinhar mas, sim, trabalhar as atividades que antecediam aquela dificuldade. Sabendo que as Funções Reflexo-Vegetativas (respiração, sucção, mastigação e deglutição) são conhecidas como funções pré-lingüísticas, isto é, funções que preparam a neuro-musculatura para possibilitar a articulação dos fonemas, das palavras, da fala como um todo, comecei a observar que crianças com problemas de fala (principalmente os portadores de paralisia cerebral) tinham essas funções bastante prejudicadas e que os pacientes afásicos perdiam parcialmente as praxias dessas funções. Seguindo o mesmo raciocínio filosófico de Temple Fay, ao invés de tentar corrigir a fala e a articulação propriamente ditas, comecei a trabalhar estas funções essenciais, pré-lingüísticas, por elas mesmas.

Cabe aqui esclarecer como desenvolvemos este trabalho. Por um convite do Dr. S. Interlandi, nome respeitado internacionalmente, fui trabalhar junto ao Curso de Pós-Graduação em Ortodontia da USP, onde permaneci quase 6 anos. A preocupação, então, era com os desvios das funções reflexo-vegetativas acima citadas, especialmente respiração bucal e deglutição atípica, principais fatores determinantes para recidivas de casos tratados ortodonticamente.

O Dr. Interlandi, com visão ampla para a época, achou que uma fonoaudióloga poderia ajudar neste aspecto, pois se tratava de *funções* da boca. Quando estudei fonoaudiologia, na faculdade nem se falava em deglutição atípica. Da mesma forma, na faculdade de odontologia pouco se sabia sobre fonoaudiologia.

Numa troca de estudos e pesquisas, juntamente com o Dr. Alael de Paiva Lino, foi possível aprofundar os estudos sobre este assunto (naquela época, eu já estava a par da filosofia de Temple

Fay).

A partir daí, e sabendo que a mesma musculatura responsável pelas funções de respiração, sucção, mastigação e deglutição, também o é pela articulação da fala e pela manutenção da forma das arcadas dentárias, pude desenvolver um novo método para a correção e reeducação dessas funções reflexo-vegetativas. Chamei a este método de Mioterapia Funcional Integrada. Integrada porque envolve todas as funções da boca. Não vamos aqui descrever o método, que já foi publicado na Revista Ortodontia, em 1976, como consta da bibliografia apresentada. Os efeitos terapêuticos do método foram tão positivos que passaram a fazer parte da "minha" RON.

Sabemos que os proprioceptores deflagram impulsos que são levados, através de todo o sistema nervoso, até o córtex, para que o Homúnculo de Penfield seja ali fixado, dando como consequência o que conhecemos por Esquema Corporal. O Esquema Corporal, para Quirós, não é saber nomear as partes do corpo, mas poder dominar seu corpo em cada movimento desejado. Este é o processo de maturação natural que torna as estruturas neurológicas operacionais. O indivíduo que tem o seu Homúnculo bem impregnado, ou seja, seu Esquema Corporal maduro, pode fazer qualquer movimento com seu corpo, inclusive os movimentos para a fala.

Como vimos acima, várias informações da periferia podem atingir o córtex cerebral, mais precisamente as áreas sensitivo-motoras (Homúnculo de Penfield); porém, devemos ter em mente que esta representação do corpo, denominada de somatotopia, também é encontrada na medula espinal, no cerebelo e até no próprio tálamo.

Todos os movimentos executados nos exercícios da RON fazem parte do programa genético do ser humano, levando propriocepção dos músculos (fusos neuro-musculares), dos tendões (órgãos neuro-tendinosos) e das articulações (receptores das cápsulas articulares). A região da boca é muito rica em extero- e proprioceptores, e todo ser humano suga, mastiga, deglute e respira. Desta forma, a inclusão dos exercícios das Funções Reflexo-Vegetativas vem complementar, significativamente, o método original da RON. Este novo método tem sido chamado de Método Padovan de Reorganização Neurofuncional.

Por outro lado, quero esclarecer que a minha prática terapêutica difere, sob vários aspectos, daquela proposta por Doman e Delacato. Trabalho com um enfoque diferente, principalmente porque, por trás do que faço, a filosofia antroposófica (de Steiner) predomina. O método pedagógico preconizado por esta filosofia (conhecida internacionalmente como Pedagogia Waldorf) só admite que se inicie a alfabetização quando a criança começa a trocar os dentes, momento em que o S.N.C. está devidamente amadurecido, possibilitando a aprendizagem natural da leitura e da escrita. Nesta Pedagogia nada é antecipado, aguardando-se o momento do amadurecimento adequado para cada atividade. *Cada momento é relevante* - sempre que podemos dizer que a criança está apta ou madura para uma determinada ação, significa que ela alcançou a maturação daquela possibilidade no seu S.N.C.. Devemos respeitar sempre o amadurecimento neurológico, e é por isto que é tão importante conhecer bem as etapas evolutivas. Existem muitos autores que tratam do assunto, mas considero a fonte mais completa o trabalho de Gesell.

Outra diferença é quanto à seqüência dos exercícios. No método que era chamado Doman-Delacato, e que atualmente foi mudado para Método para o Desenvolvimento do Potencial Humano, é feita uma avaliação do paciente e se determina em que nível do desenvolvimento ele se encontra, começando-se os exercícios a partir de um nível imediatamente anterior.

Von Bekesy assim se refere ao Sistema Nervoso Central: "O S.N.C. é um intrincado complexo de circuitos de realimentação. Se dermos os impulsos mais primitivos, os caminhos se abrem e novos circuitos podem ser formados". Por este motivo, começo sempre dos exercícios mais primitivos, prosseguindo e obedecendo, em cada sessão terapêutica, a todas as fases evolutivas naturais.

Também diferem os métodos quanto à intensidade e frequência dos exercícios. No método Padovan, as sessões são geralmente de 30 ou 45 minutos, duas vezes por semana. Somente em alguns casos mais graves essa frequência é aumentada para, no máximo, cinco vezes por semana. Cada exercício é repetido várias vezes, de acordo com a possibilidade física e/ou a necessidade de cada paciente e de cada distúrbio, procurando-se evitar, ao máximo, qualquer fadiga muscular.

Outro fator de diferenciação é quanto à presença dos pais durante as terapias. Creio serem os pais peças importantes na terapia de seus filhos, mas apenas como pais, que observam, acompanham e informam sobre os problemas e as mudanças ocorridas nos filhos. Não é muito fácil assumir dois papéis difíceis ao mesmo tempo: serem pais e terapeutas. Por serem tão importantes, solicito sempre a um dos pais (na maioria das vezes, a mãe) que assista a todas as terapias. A presença da mãe tranqüiliza a criança e a mãe tem o ensejo de saber o que está se passando com o filho. Algumas vezes, em determinados exercícios, e quando necessário, ela poderá ajudar o terapeuta.

OS EXERCÍCIOS DO MÉTODO

Vou descrever sucintamente os exercícios, pois o nosso propósito é apenas dar uma idéia do que é o Método Padovan de Reorganização Neurofuncional. Não caberia, num artigo, ensinar um método (que é simples, mas não tão fácil de aplicar), pois os exercícios precisam ser perfeitos para que enviem só informações corretas ao S.N.C.. Os principais exercícios são:

Padronização Homolateral - é feita em decúbito ventral, com o rosto voltado para o mesmo lado em que os membros, superior e inferior, estão flexionados. Os membros do outro lado ficam em extensão para baixo, ao longo do corpo. Troca-se de lado, alternadamente.

Padronização Cruzada - também em decúbito ventral. A cabeça continua voltada para o braço que está flexionado. O outro membro superior fica com a mão sobre as costas, e é a perna deste lado que vai ser flexionada, enquanto o outro membro inferior fica em extensão. Assim, braço e perna flexionados se opõem. Também esta posição vai sendo invertida, alternadamente.

Existem outros quatro exercícios que antecedem as duas padronizações e que não vão ser descritos aqui porque exigiria muito espaço. Contudo, os dois exercícios que poderíamos dizer mais importantes são as padronizações acima.

Após as padronizações, vamos fazer as atividades próprias do desenvolvimento natural e normal de todos os indivíduos. Trabalha-se com os vários tipos de locomoção da criança, *sempre na ordem natural do desenvolvimento*.

Rolar - é tão natural que dispensa qualquer explicação.

Rastejar Homolateral - na mesma posição usada para a padronização homolateral. O paciente impulsiona o corpo com o halux do membro inferior flexionado e, com a mão do mesmo lado aderida ao solo, puxa o corpo todo para a frente, sempre alternando os lados.

Rastejar Cruzado - com o tronco mais elevado, deixa-se que o paciente rasteje espontaneamente. Se ele não conseguir o movimento cruzado (mão direita com perna esquerda e vice-versa), deixamos que o faça como quiser e, com o tempo, quando melhorar nos exercícios de padronização cruzada, ele o conseguirá sozinho.

Engatinhar - também dispensa comentários.

Exercício do Macaco - é engatinhar com as pernas em extensão. Neste exercício, trabalha-se muito com a força dos braços. Muito importante para os disgráficos.

Ficar de Cócoras e Levantar - deve ser feito com a planta dos pés apoiada no chão (note-se que há uma fase na evolução das crianças, na qual elas ficam muito tempo de cócoras, brincando).

Marcha Cruzada - de pé, a marcha deve ser feita com movimentos acentuados para se estimular bem os proprioceptores. Uma das mãos toca nas costas enquanto a outra bate no terço distal da coxa oposta, que deve estar elevada. Só fazemos com crianças maiores de três anos. Não se faz também com pacientes que, embora de idade cronológica maior que três anos, não tenha ainda alcançado esta idade neurológica.

Os exercícios acima devem ser feitos na mesma ordem com que foram apresentados. Podemos notar ainda que, com esses exercícios - ou atividades - o paciente passa, gradativamente, da posição horizontal para a postura vertical, tal qual ocorre no desenvolvimento normal.

NOTA: - Os exercícios que se seguem não foram publicados na Revista por falta de espaço.

Cambalhota - naturalmente, faz-se apenas com pacientes que possam fazê-la sem qualquer prejuízo físico, de qualquer tipo. Em portadores da Síndrome de Down só se faz cambalhota com a liberação específica de seu médico.

Rede Giratória - há que tomar cuidado e não fazer este exercício com pessoas que enjoam. Após algum tempo (dois a três meses), vai-se incluindo aos poucos e, com certeza, o paciente vai se beneficiar dele e não vai mais enjoar. É muito importante para o estímulo vestibular.

Exercícios Visuais - é uma série de exercícios (obedecendo sempre ao desenvolvimento normal), que geram estímulos chamados de Reflexos Foto-Motores. São exercícios mono- e binoculares. Tomaria espaço demais para explicar sua aplicação.

Exercícios de Mão - também é uma série grande, que tomaria espaço demais para explicar.

Exercícios de Coordenação Viso-Manual-Motora - após os exercícios visuais e de mão, podemos fazer várias modalidades de jogos com bola.

Pular Corda - é um exercício muito importante para a orientação têmporo-espacial. Também há varias modalidades que podem ser feitas, dependendo do paciente.

(Fim da Nota)

Há ainda vários outros exercícios, tais como pular em um só pé, saltitar, marcha saltitante com ritmo, etc.. Pode-se até incluir algumas brincadeiras infantis, pois fazem parte do desenvolvimento natural da criança. São, em geral, jogos universais. Não cabe, também aqui, descrevê-los.

Após os exercícios de corpo acima descritos, fazemos os das Funções Reflexo-Vegetativas: respiração, sucção, mastigação e deglutição. Em seguida, trabalhamos a colocação de fonemas, com exercícios bem específicos, de acordo com cada patologia.

VERSOS

Todos os exercícios são acompanhados por versos, recitados pelo terapeuta. Procura-se escolher versos com aliteração (**na Revista, por equívoco, foi usada a palavra alteração**) de fonemas, especialmente com os fonemas que o paciente ainda não emite corretamente (e assim a estimulação se dá com modelos corretos). Procura-se ainda escolher versos que contenham boas mensagens, para aumentar o vocabulário e excitar o pensamento. São importantes para levar ritmo às pessoas que não o tem e, além disso, os músculos respondem melhor aos movimentos rítmicos. Os versos são um grande motivador porque todos os pacientes gostam, não importando a idade.

A QUEM APLICAR ESTE MÉTODO

Como Fonoaudióloga que somos, vamos aplicar o método às pessoas com problemas de fala e/ou de linguagem. Aliás, as pessoas que procuram este tratamento são, em geral, portadoras desses distúrbios. Eles podem estar presentes não só nos portadores de algum tipo de deficiência (tais como a síndrome de Down, a paralisia cerebral, a deficiência mental, o autismo, etc.), mas também em pessoas normais e inteligentes, portadoras de simples dislalias, de dificuldades na aprendizagem de leitura e/ou escrita, etc..

Os problemas de fala e linguagem, para Temple Fay, "*não constituem problemas diferentes, e sim diferentes graus de um mesmo problema*", isto é, problemas que têm a mesma origem, que pode ser alguma desordem do desenvolvimento ou na organização do S.N.C.. *Se a causa é a mesma, o tratamento também deve ser o mesmo*, variando conforme o grau do distúrbio.

CONCLUSÃO

Como se pode constatar, o método consiste em exercícios muito simples e que pertencem à própria natureza humana. Não são movimentos criados artificialmente ou elocubrados. São tão simples que podem levar as pessoas a duvidarem de sua eficácia. A natureza é simples. Suas leis estão aí, à disposição daqueles que tenham a capacidade de reconhecê-las, captá-las e sistematizá-las, para depois delas dispor adequadamente. Como afirma Einstein: "*não existe nenhum caminho lógico para a descoberta das leis elementares do Universo - o único caminho é a intuição. O mecanismo do descobrimento não é lógico e intelectual - é uma iluminação súbita, quase um êxtase. Em seguida, é certo, a inteligência analisa e a experiência confirma a intuição*". Rudolf Steiner e Temple Fay tiveram esse privilégio, de terem tido a intuição e a inteligência para confirmar pela experiência essa intuição. E eu.... Eu tive a grande sorte de conhecer e poder usufruir do trabalho de ambos...

Voltando ao pensamento de Einstein, citado no início deste trabalho, gostaria de acrescentar que não sei se trabalho com a ciência ou com a arte. Só sei que tanto o Sistema Nervoso quanto o Homem são ainda misteriosos para os nossos parcos conhecimentos. Uso um pouco de arte quando recito versos acompanhando os exercícios. Uso também ciência porque, ao estudar o Sistema Nervoso, tomo conhecimento de fatos científicos esclarecedores, como, por exemplo, a existência da Plasticidade Neural e dos Fatores Neurotróficos, que, acredito, justificam plenamente o trabalho que faço.

Repito que este método é muito simples... Tão simples como a própria natureza, como já dissemos anteriormente. E, na nossa opinião, **aquele que segue o que a sábia natureza nos mostra e ensina, tem menos chances de errar.**

BIBLIOGRAFIA

1. Boadella, D. *Correntes da vida: uma introdução à biossíntese*. São Paulo, Summus Editorial, São Paulo, 1992.
2. CLARET, M.; SIMÕES JR., J.G. *O pensamento vivo de Einstein*. São Paulo, Martin Claret Editores, 1988.
3. DOMAN, G. *O que fazer pela criança de cérebro lesado*. 3a. Ed., Rio de Janeiro, Gráfica Auriverde Ltda., 1983.
4. LE-WINN, B. *Human neurological organization*. Charles C. Thomas Publisher, 1969
5. PADOVAN, B.A.E. Deglutição atípica - reeducação mioterápica nas pressões atípicas de língua: diagnóstico e terapêutica. *Revista Ortodontia*, v.9, n.1, p.59-74, 1976.
6. PADOVAN, B.A.E. Die Entwicklung der Bewegung als Grundlage für die Sprache. *Weleda Nachrichten*, v.148, p.11-4, 1982.
7. PADOVAN, B.A.E. *Neurologische Reorganisation und ihr Nutzen für behinderte Kinder*. Heilpädagogischer Kongressbericht - Innsbruck. Höbersdorf (bei Wien), Verlag Kaiser, 1992, p.464-8.
8. QUIRÓS, J.B.; SCHRAGER, O.L. *Lenguaje, aprendizaje y psicomotricidad*. Buenos Aires, Editorial Panamericana, 1979.
9. ROZENTAL, M. C. L. *El autismo: enfoque fonoaudiológico*. Buenos Aires, Medica Panamericana, 1983.
10. STEINER, R. *Andar, falar e pensar*. São Paulo, Editora Antroposófica, 1981.
11. VIGOTSKII, L.S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo, Ícone - Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
12. WOLF, J.M. *Temple Fay, M.D.* Illinois, Charles C. Thomas Publisher, 1968.